



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP  
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOSÉ ANDERSON DE FARIAS SILVA  
JULIANA BARCELOS LEANDRO DA SILVA

**CRENÇAS SOBRE A MASCULINIDADE EXPRESSAS NO FACEBOOK**

MACEIÓ/2023

JOSÉ ANDERSON DE FARIAS SILVA

JULIANA BARCELOS LEANDRO DA SILVA

## **CRENÇAS SOBRE A MASCULINIDADE EXPRESSAS NO FACEBOOK**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Curso de Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como parte das exigências para a obtenção do título de graduação.

Orientador (a): Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sheyla Christine Santos Fernandes.

## **Crenças sobre a masculinidade expressas no Facebook**

José Anderson de Farias Silva<sup>1</sup>

Juliana Barcelos Leandro da Silva<sup>2</sup>

Alanda Maria Ferro Pereira<sup>3</sup>

Sheyla Christine Santos Fernandes<sup>4</sup>

Universidade Federal de Alagoas (Maceió, AL)

### **RESUMO**

O homem em nossa cultura, muitas vezes, é educado para depender das mulheres no que diz respeito aos seus cuidados pessoais e delimitado como provedor da família, enquanto as mulheres, desde pequenas, são moldadas para vida doméstica. Essa composição conceitual possui uma ideologia machista, a qual é caracterizada por opiniões e atitudes preconceituosas que se opõem à igualdade de gênero, favorecendo o masculino ante feminino. Portanto, o presente estudo tem por objetivo identificar como as crenças das masculinidades se expressam na rede social Facebook. Para isso, foram selecionadas 5 publicações de páginas e grupos abertos, no site Facebook, através dos descritores “Masculinidade” e “Homem”, tanto individualmente como combinados. Adiante, foram colhidos os comentários das 5 postagens mais relevantes. O material coletado foi transcrito e estruturado, assim compondo um corpus textual que foi analisado pelo software Iramuteq. Desse modo, os resultados aqui apresentados de forma geral, apontam que há ocorrências de crenças sexistas nas RSO e a consequente intolerância coletiva semelhante a internalização das normas sociais e a capacidade de geri-las em função do contexto. Dado as constatações, podemos elencar os seguintes elementos a partir dos comentários coletados: a subversão da figura da mulher para enaltecer o homem e o comportamento de manutenção e autorregulação masculina contra a proximidade dos aspectos femininos. Além disso, foi percebido como as crenças de masculinidades ainda perduram não apenas pautadas no biologicismo, mas também respaldadas pela cultura como papel de gênero. Nesse sentido, com a massificação cultural os comportamentos ainda atravessam o cotidiano e se expressam no virtual. Sendo assim a pesquisa se torna relevante, pois observa-se que mesmo com todo o avanço das pesquisas sobre gênero, ainda não se têm muitas produções científicas no Brasil sobre masculinidades, principalmente na área das RSO.

**Palavras-chave:** Masculinidades; Crenças; Relações de gênero; Redes sociais; Facebook;

---

<sup>1</sup>Graduando em Psicologia (UFAL). E-mail: jose.anderson@ip.ufal.br

<sup>2</sup>Graduanda em Psicologia (UFAL). E-mail: juliana.leandro@ip.ufal.br

<sup>3</sup>Doutoranda do curso de Psicologia (UFAL). E-mail: alandamaria19@gmail.com

Docente do curso de Psicologia (UFAL). E-mail: sheyla.fernandes@ip.ufal.br

## **ABSTRACT**

Men in our culture are often brought up to depend on women for their personal care and delimited as the provider of the family, while women, from a young age, are shaped for domestic life. This conceptual composition has a sexist ideology, which is characterized by prejudiced opinions and attitudes that oppose gender equality, favoring the masculine over the feminine. Therefore, the present study aims to identify how masculinity beliefs are expressed on the social network Facebook. For this, 5 publications from open pages and groups on the Facebook site were selected using the descriptors "Masculinity" and "Man", both individually and combined. Below, the comments of the 5 most relevant posts were collected. The collected material was transcribed and structured, thus composing a textual corpus that was analyzed by the Iramuteq software. Thus, the results presented here in general indicate that there are occurrences of sexist beliefs in CSR and the consequent collective intolerance similar to the internalization of social norms and the ability to manage them according to the context. Given the findings, we can list the following elements from the comments collected: the subversion of the figure of the woman to praise the man and the behavior of male maintenance and self-regulation against the proximity of the feminine aspects. In addition, it was perceived how beliefs of masculinities still persist not only based on biology, but also supported by culture as a gender role. In this sense, with cultural massification, behaviors still cross everyday life and express themselves in the virtual. Thus, the research becomes relevant, the present study becomes relevant, because it is observed that, even with all the advances in research on gender, there are still not many scientific productions in Brazil on masculinities, especially in the area of CSR.

**Keywords:** Masculinities; Beliefs; Gender relations; Social media; Facebook;

## **1. INTRODUÇÃO - MASCULINIDADE, UMA VISÃO HISTÓRICA: DEFINIÇÕES E FORMAS DE EXPRESSÃO**

Culturalmente, o papel masculino dirige aos homens a função de provedor da família, enquanto as mulheres, desde pequenas, são conduzidas à vida doméstica (Barral & Zanello, 2021). Essa composição conceitual possui uma ideologia machista, caracterizada por opiniões e atitudes preconceituosas que se opõem à igualdade de gênero, favorecendo o masculino em detrimento feminino no âmbito de diversos privilégios. Essa ideologia vem sendo normalizada ao longo do tempo, colocando assim, o gênero como um modo de organização social que contribui para a desigualdade (Ferreira & Oliveira, 2019).

Em contrapartida, os estudos acerca dessa temática ganharam força com a segunda onda do feminismo nas décadas de 1960 - 1970 nos Estados Unidos, quando os questionamentos sobre a identidade de gênero passaram a fazer parte da agenda de investigação das ciências humanas e sociais (Barral & Zanello, 2021). Em correspondência a evolução dos estudos e debates, o espaço masculino começou a ser contestado, pois não era mais sustentável se pensar a masculinidade e virilidade de forma exclusiva para homens hétero (Ramos, 2011). Diante disso, gays, transexuais e outros, passaram a reivindicar seus espaços, expondo assim, a ruptura de uma ideia hegemônica sobre a masculinidade. No entanto, a nova forma de lidar com a masculinidade levou a crises identitárias, como pode ser visto em uma matéria no ano de 1989 em que se questionava o que é esse novo homem? De que modo ele se comporta? Isso porque se passou a defender que ele não seria mais um super-homem, mas poderia demonstrar suas fragilidades, ou seja, a emoção era posta diante das suas relações (Voks, 2021). Isso pressupõe uma masculinidade com espaço relacional para expressar seus sentimentos sem punição ou ser sinônimo de inferioridade.

Nesse raciocínio, se depreende que a sociedade contemporânea reproduz comportamentos que são instituídos como inatos à natureza humana. Sendo repetidos sem nenhum tipo de questionamento, fazendo assim, sua manutenção ao longo da história. Todavia, se observarmos essas ações, nos deparamos com o fato de que tais comportamentos foram, na realidade, aprendidos e moldados de acordo com o contexto sociocultural (Ferreira & Oliveira, 2019).

Com o alcance das redes sociais, a masculinidade passa por novas crises, visto que, as Redes sociais online integram-se como um novo espaço de sociabilidade, correspondente aos avanços tecnológicos, que produzem estímulos de interações sociais, sejam na forma de entreter, de facilitar transações comerciais ou compartilhamento de informações (Vermelho et al., 2014). A partir desse ciberespaço surge uma nova realidade que colabora na aproximação dos usuários com conteúdos diversos, facilitando o acesso e a comunicação entre grupos.

O Facebook, por exemplo, é a rede social mais utilizada no mundo, somente no Brasil são contabilizados mais 109 milhões de contas ativas, configurando uma das plataformas mais

consumidas pelos brasileiros (Volpato, 2023). A procura e permanência desses usuários nesse ambiente virtual se dá pelos atributos presentes na plataforma, como curtidas, chats, comunidades virtuais, além do anonimato que estes veículos permitem ao cadastrar-se nas plataformas. Essas informações e dispositivos são manejadas pelos próprios usuários, em outras palavras, é um espaço que abriga uma diversidade tanto de ferramentas, como de interações e comunicações, proporcionando uma ressignificação e ampliação das relações sociais (Remenche et al., 2010).

Nessa perspectiva, o estudo produzido por Lima-Santos e Santos (2022), apresenta um movimento nas RSO que se articula com o pensamento Red Pill MGTOW (Men Going Their Own Way), em tradução, homens tomando seu próprio caminho. O termo Red Pill (Pílula Vermelha) faz alusão ao filme Matrix (1999), o qual destaca o fato do protagonista Neo ter que escolher entre tomar uma pílula azul (permite seguir o mundo das ilusões) ou pílula vermelha (encarar a realidade). Dito de outro modo, o movimento garante enxergar aquilo que ninguém vê, dessa maneira, metaforiza “tomar a pílula vermelha” para capacitar os homens a enxergarem que o feminismo anula a sua existência (Suzuki, 2023).

Isso também pode ser visto nas recentes discussões em torno da masculinidade, que têm sido destaques nas plataformas virtuais. Um dos últimos jornais online a publicar sobre o assunto foi a BBC News Brasil, que aponta em uma de suas matérias, a circulação em massa de narrativas misóginas e cis-heteronormativas sobre o espaço da masculinidade (Suzuki, 2023). Nesse fluxo informativo, destacam-se os conteúdos produzidos por coaches de masculinidade, onde é ressaltada a supervalorização do homem, em que, entre seus objetivos, estaria reagir à conquista de direitos de minorias, como mulheres (seu principal alvo) e a população LGBTQIAPN+, além de alimentar, nos fóruns online, discursos de uma masculinidade em crise.

Podemos ver um contraponto a misoginia na fala do Jornalista Humberto Rezende, ele revela que desde a adolescência nunca conseguiu se ajustar aos estereótipos masculinos visto que a ideia de ser homem estava ligado ser fodões, maiorais, mas que significava, muitas vezes, ser escrotos com as mulheres e os próprios amigos. Por outro lado, ele comenta que se chamar de feminista é o mesmo que se equiparar a Lola, às Déboras, à Viviane, à Djamila que são mulheres sentem na pele os paradigmas da causa. Dessa maneira ele percebe que, ainda que sensível às causas feministas, ele acessa privilégios de gênero. (DAQUILO, 2017)

Além disso, admite que no fundo enxergar a liberação sexual feminina revelaria suas inseguranças e neuras. Por exemplo, muitos homens têm medo de perder uma discussão para uma mulher, enxergar ídolos mulher pelo talento e competência não apenas pela beleza, dentre outros.

Assim, ele revela que se classificar enquanto pró-feminista é uma causa justa, pois constata que a sua vivência masculina tal como a cultura masculina contribui para o machismo. (DAQUILO, 2017)

De acordo com Isabela Venturosa pesquisadora da relação entre homens e feminismos da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP). Ela pesquisa quando masculinidades e homens passam a compor o cenário e a agenda das mobilizações feministas. Nesse contexto, sua perspectiva é orquestrada pela equidade de gênero, por relações mais justas entre ambos os sexos. Além disso, aponta que já ouviu relatos de homens que participavam de movimentos como pró-feministas antes da mudança sexo (transsexualidade), mas posteriormente foram discriminados pelas próprio feminismo. Por este motivo, ela comunga do autor Tom Digby, um filósofo estadunidense, para ser feminista é importante ser defensor dos direitos humanos. (TERRA, 2023)

Portanto, um homem feminista seria um cara que defende os direitos das mulheres, respeita e que escuta sem apagar as mulheres ou falar por elas. Assim um homem feminista ideal, que está bastante interessado na escuta. Ela também comenta que há discordância entre as próprias feministas. A exemplo, colegas que têm posicionamentos transfóbicos. Desse modo, ela estaria mais aliada a um homem com uma escuta e entendimento das dores do próximo do que elas. O feminismo de Venturosa é o feminismo da Radical da Judith Butler, que descreve que embora eu não entenda por completo o outro, mas defendo os direitos dele tanto quanto os meus. (TERRA,2023)

Contudo, percebe-se que a maneira como os homens exercem seu papel no meio social e as certezas sobre sua posição e masculinidades, sofrem mudanças e conflitos diversas vezes no decorrer da história. Por exemplo, até o século XIX, o modelo de perfeição estava representado na anatomia masculina pela força, virilidade e coragem ante anatomia feminina frágil, submissa e passiva, isso perdurou como única definição até os movimentos sufragistas. Desse modo, antes a definição de masculinidade estava restrita a uma polaridade negativa em comparação com a mulher. Atualmente podemos definir como os tipos de masculinidade que assumem identidades sexuais diversas, ajudam no serviço doméstico, participam do cuidado dos filhos, demonstram sentimentos, fragilidades aceitam ganhar menos que suas parceiras entre outros. (SILVA, 2006)

E a partir do advento das redes sociais e as suas novas configurações relacionais, essas convicções e crenças dos papéis sociais sofrem novas crises e transformações. Portanto, o presente estudo se torna relevante, pois observa-se que, mesmo com todo o avanço das pesquisas sobre gênero, ainda não se têm muitas produções científicas no Brasil sobre masculinidades, principalmente na área das RSO. Por isso, entendendo-se esta temática como sendo necessária e importante, uma vez que foi

possível identificar melhor como as crenças acerca das masculinidades se expressam na rede social Facebook e o padrão idealizado de masculinidade nesse ciberespaço. Por fim, a intenção deste trabalho, além de compreender esses discursos, é também a de auxiliar em estudos futuros sobre o tema, podendo despertar questionamentos mais complexos e, também, despertar ações que possam auxiliar os homens – e também as mulheres – a se posicionarem em sociedade sem rótulos, buscando uma vivência mais harmônica entre todos/as.

## METODOLOGIA

Tratamos de uma pesquisa de cunho qualitativo, onde foi utilizada como base para a coleta de dados, a plataforma digital Facebook<sup>1</sup>. A partir da barra de pesquisa do próprio site foram usados os seguintes descritores: “Masculinidade”, “Homem” e “Masculinidade; Homem”. Os descritores foram colocados separados ou juntos por meio de ponto e vírgula durante a pesquisa, o que permitiu encontrar as postagens com maior proximidade do tema estudado, número de comentários e repercussão.

Na sequência, realizamos a seleção das publicações, a partir dos critérios: (1) postagem inserida na temática aqui desenvolvida; (2) Perfis, grupos e páginas abertos; (3) com o mínimo de 10 mil seguidores/membros; (4) postagens com mais de cem comentários. Posteriormente, as cinco publicações mais visualizadas e comentadas foram escolhidas no decorrer do período de 01 a 25 de outubro de 2022 (Tabela 1).

**Tabela 1.** Descrição das publicações selecionadas

Nº do Post	Ano	Tipo	Conteúdo
01	2021	Audiovisual	Entrevista com Sérgio Marone, com pauta sobre masculinidade frágil.
02	2022	Imagem	Elemento visual com a frase “dia internacional do homem”.

<sup>1</sup> <https://pt-br.facebook.com>

03	2021	Imagem/texto	Foto do autor João Silvério Trevisan expondo seu livro, <i>Seis Balas Num só Buraco</i> , voltado à masculinidade tóxica.
04	2022	Imagem	Foto de um homem transgênero, com a seguinte legenda: “Serei pai, estar grávido não afeta minha masculinidade, diz homem trans ao rejeitar o rótulo de mãe”.
05	2022	Imagem	Foto de um homem com a seguinte legenda: “Hétero, casado e pai de três, homem usa saias e salto para provar que roupa não tem gênero”.

**Fonte:** Tabela feita pelos próprios autores.

Realizamos a coleta dos comentários dos usuários nas postagens, suprimindo a identificação. A partir do material colhido, iniciamos a construção de um *corpus* textual que foi processado e analisado pelo *software* Iramuteq.

O iramuteq (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires) (Ratinaud, 2009), amparamos como um recurso computacional auxiliar de estudos qualitativos, efetuando a preparação dos dados coletados, produzindo organização e separação do material, assim como, codificando e evidenciando os principais segmentos de texto a partir de suas análises lexicais (Souza *et al.*, 2018).

Nos apoiamos nas orientações da ferramenta computacional Iramuteq, o *corpus* foi construído a partir do uso do sistema operacional *OpenOffice*, operando através do pacote *writer*, que possibilita a edição e digitação de textos. Posteriormente, os materiais recolhidos para a composição do *corpus* foram revisados e padronizados, em consonância ao manual do aplicativo do iramuteq, versão 0.7 *Alpha 2 e R Versão 3.2.3* (2017). Por fim, com o material estruturado e apropriadamente organizado, remanejamos o corpus para o bloco de notas, assim codificando o arquivo para a função UTF-8, adequado para análise textual no iramuteq.

O iramuteq possui diversas formas de análise de conteúdo e escolhemos a análise de Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que tem como objetivo categorizar e relacionar as palavras dos segmentos de texto que possuem origem e semelhança em seu radical (Santos & Fernandes *et al.*, 2021).

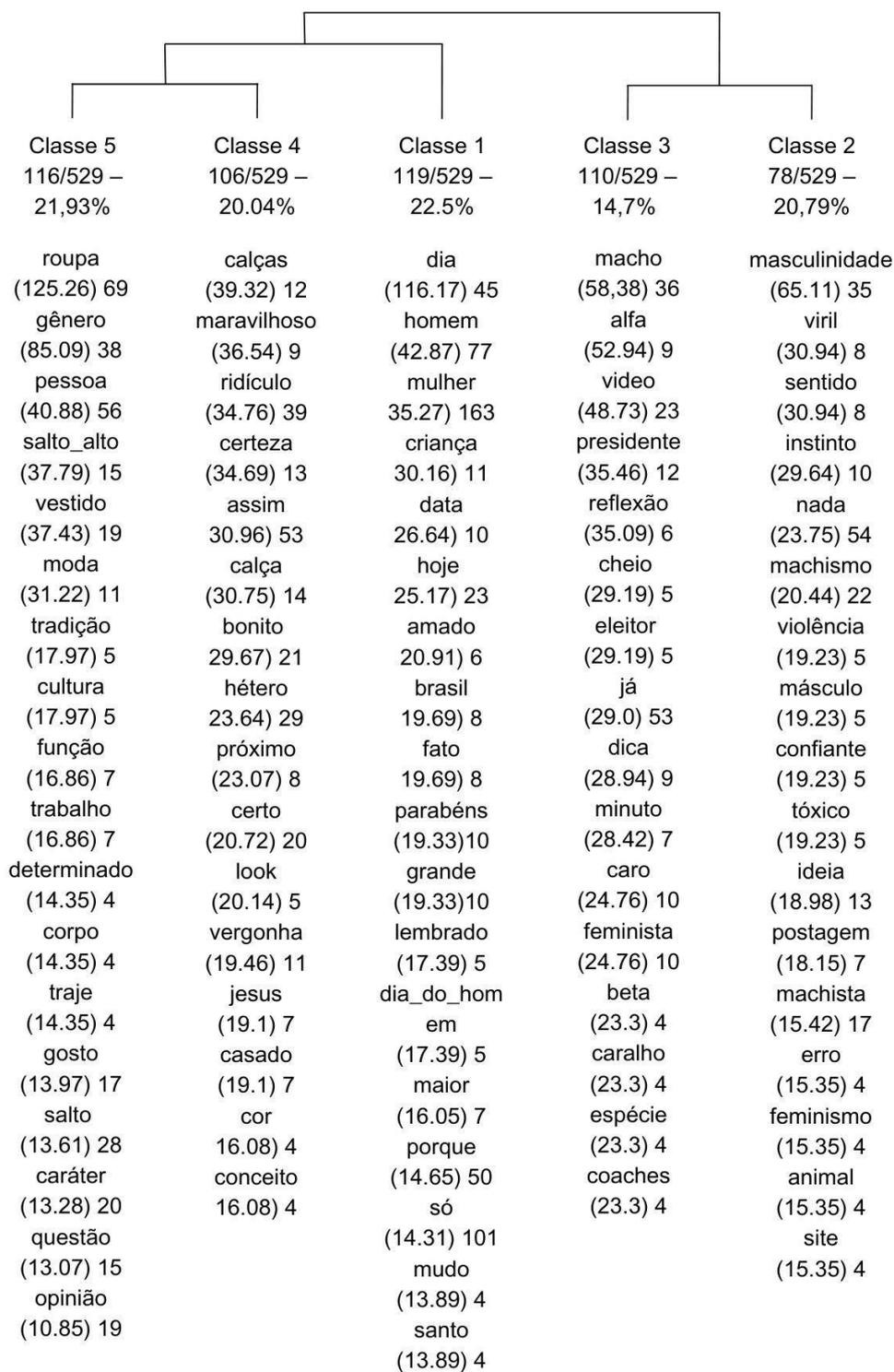
A CHD trabalha em conjunto com análises estatísticas textuais, os resultados de suas análises são processadas de acordo com o método Reinert, que possibilita a classificação dos segmentos textuais (ST), apresentando agrupamentos de vocabulários que possuam o mesmo lexema em um

parâmetro qui-quadrado ( $\chi^2$ ). Dessa forma, a CHD apresenta classes que organizam-se em linhas de Unidades de Contextos Elementares (UCE) com uma proporção equivalente estatisticamente e semântica (Salviati, 2017).

Uma das ferramentas apresentadas dentro do método Reinert, que compõem o uso da CHD, são os dendrogramas produzidos pelo *software*, como é o caso das classes, que na mesma sequência de análise disponibiliza o filograma dos termos compostos dentro desses agrupamentos. Contribuindo, com informações dos segmentos textuais (ST), suas repetições e os contextos empregados dentro do texto, já que o programa auxilia na codificação e alinhamento, das ramificações e composições das classes. Por meio da apresentação de seus resultados, é possível a visualização dos perfis lexicais das palavras compostas nas classes, assim como a sua localização no *corpus textual*, facilitando a interpretação desses dados (Klamt & Santos, 2021).

## **RESULTADOS**

A CHD apontou o alinhamento de variados ST's significativos, correspondendo a cinco classes (Figura 1). A quantidade de UCE foi de 591, sendo dessas classificadas 529 segmentos, gerando um aproveitamento total de 89,51%, proporcionando um rendimento satisfatório no *corpus textual* (Sousa et al., 2020).



**Figura 1.** Dendrograma das classes gerado pelo *software* iramuteq

O dendrograma produzido fornece as ramificações das classes, apontando como existem *subcorpus* mais próximos e distantes, como pode ser observado pelas primeiras partições do lado

esquerdo na Figura 1. As classes 3 e 2 compartilham a mesma linha, enquanto as UCE's de classe 1, 4 e 5 correspondem a outra ramificação, dentro da mesma repartição, as classes 4 e 5 se dividem da classe 1, o que enfatiza as singularidades contextuais presentes na classe 1 diante das classes 4 e 5.

Iniciando pela ramificação que divide as classes 3 e 2, que se dá pelas narrativas, podemos observar, através do seu conteúdo, um caráter de valorização ao espaço masculino. A classe 2, intitulada como “Caracterização da masculinidade”, teve um rendimento de 20,8%. Este agrupamento possui comentários que apresentam termos descritivos associados ao que seria a masculinidade, como pode ser analisado pelos vocábulos presentes em sua partição: "viril", “instinto”, “machismo” e "violência". Colocando em destaque os comentários: *“não existe nada de errado em ser másculo, viril, e confiante isso faz parte da nossa natureza são nossas características, nossa essência”* e *“você está escrevendo em um celular inventado por 3 homens e a louça já lavou?... acho que não, enquanto isso a pia tá cheia de louça. Odeio feministas”*.

A classe 3 nomeada de “relações de gênero” possui um aproveitamento de 14,7%, composto por vocábulos diversos como “macho”, “presidente”, “feminista”, “ideologia” e “coach”. Corresponde a uma composição de crenças voltadas ao sexismo nas relações de gênero, atreladas a condutas ou comportamentos misóginos que os usuários reconhecem como algo intolerável. Tais como: *“não é sobre ser menos homem é sobre os valores que cultivamos e que orientam nosso comportamento”* e *“a violência contra a mulher nasce e se fundamenta no pensamento machista e por isso precisa ser desmascarado”*.

Em seguida, as classes 5, 4 e 1 partilham a mesma linha ramificada, compreendendo que essas partições articulam sobre a virilidade masculina, exercendo diálogos sobre as posições sociais que o gênero deve ocupar para poder existir. A classe 1, que detém um rendimento de 22,5%, foi designada como "Inferiorização do feminino", apresenta como palavras de destaque “mulher”, “dia”, “gradidão”, “homem” e “controle”. Nesse sentido, há nessa classe uma grande disposição em subverter a figura feminina a uma posição de dependência e invisibilidade para enaltecer os feitos masculinos, assim como posicionar socialmente o homem como provedor da família. Essa associação, podem ser observadas pelos seguintes comentários: *“homens, são eles que detém o controle, não serão condescendentes ou bons quando o ápice do que eles querem chegar”* e *“o dia da mulher, na verdade é um dia de lembrar das conquistas políticas e sociais, parabéns e gradidão aos homens, afinal sem o homem, a mulher não existiria”*.

No caso da classe 4, foi identificado um rendimento de 20%. Essa classe foi denominada de "A manutenção do normativo" e seu conteúdo refere uma rejeição em aceitar qualquer comportamento que fuja do padrão heteronormativo, além de utilizar alegorias religiosas em suas

justificativas para estabelecer uma norma de comportamento entre os gêneros. Tais como: “...na bíblia fala que homem tem que usar roupa de homem e mulher de mulher, parem de achar o errado bonito” e “comportamento também conhecido como viadagem, será que é hétero mesmo? eu não gosto de viado”.

Por fim, a classe 5, com 21,9% de aproveitamento, foi denominada de “rejeição à desconstrução”. Essa classe apresenta termos como “gênero”, “moda”, “tradição”. Nessa perspectiva, os diálogos são associados aos valores morais e sociais referentes à roupa para cada gênero. Dito de outro modo, os internautas vão destrinchando a aversão ou desinteresse por esse processo desconstrutivo, como pode ser visto nos trechos: “realmente não tem gênero, mas se na sua cultura mulheres e homens se vestem de formas diferentes é comum causar olhares curiosos, prefiro os homens usando suas roupas habituais” e “homem de verdade não tem vontade de vestir roupa de mulher”.

## **DISCUSSÃO**

A CHD fornecida pelo iramuteq possibilita a análise dos termos empregados e repetidos pelos usuários, sugerindo que as RSO se constituem como um ambiente de aproximação e partilha dessas representações do espaço masculino. Portanto, esses ambientes proporcionam uma visualização das crenças e valores que se configuram como importantes nas relações intergrupais no ciberespaço. A partir dos resultados apresentados, é possível estabelecer três eixos que interligam e retroalimentam as crenças dos/as usuários/as em relação ao tema, sendo elas: (1) crenças em relação a uma masculinidade inerente ao homem, baseadas em um determinismo biológico; (2) crenças de uma masculinidade ligada a sua imagem, fundamentadas pela aprovação ou validação dos discursos sociais dessas crenças sejam elas religiosas ou biologicistas; (3) A produção de discursos de ódio nas RSO voltados às mulheres e a comunidade LGBTQIA+, como uma “ação de defesa”.

De modo geral, os movimentos referentes à reivindicação de lutas nos campos da diversidade de corpos e sexualidades, possibilitaram um conjunto de discussões e remodelações no espaço social. Um olhar analítico para as identidades de gênero que foram construídas ao longo das décadas, fomentaram a ideia de um pluralismo empregado para compreender as relações entre homens e mulheres em diferentes contextos, fornecendo uma ampliação de nova constituição identitária social às mulheres, e conseqüentemente, aos homens (Barral, 2021).

Entretanto, como defende Ramos (2011), a masculinidade ainda é caracterizada por uma percepção identitária que ressalta valores como, virilidade, instinto e força, que em concordância com os resultados, são os mesmos aspectos que se repetem nos discursos dos/as usuários/as ao

caracterizarem o universo masculino. Não obstante, essa personificação masculina realça as normas atribuídas ao contexto sócio-histórico desses indivíduos, que estão sujeitos ao repasse de valores de uma existência que necessita invalidar outros grupos opostos ao seu modelo vigente, para assim existir, tal como suscita o eixo 2 da discussão.

Não obstante, essa personificação masculina realça as normas atribuídas ao contexto sócio-histórico desses indivíduos, que estão sujeitos ao repasse de valores de uma existência que necessita invalidar outros grupos opostos ao seu modelo vigente, para se manterem existindo. Por este viés o eixo 1, parte de uma concepção de gênero, que por muito tempo, tornou-se um fator biológico e naturalista para justificar essa relação de subserviência que reduz e simboliza modelos de comportamentos masculinos e femininos a uma representação social, que respectivamente, atribui força e poder a determinados indivíduos, enquanto outros são associados à fragilidade e inferioridade (Ferreira & Oliveira, 2019).

Em correspondência, constatamos que esses valores se repetiam na classe 1, “Inferiorização do feminino”, sob a crença de que o homem detém o poder. A classe revela o enaltecimento desse modelo de existência, além disso, dá margem a consideração de que a aversão ao feminino é sustentada pelo receio masculino de perder esse posto. Logo que, notamos uma busca por afirmar o lugar da mulher dominada, submissa e ligada ao serviço doméstico. De acordo com Tajfel, Billig, Bundy e Flament (1971), a discriminação social, descende de um tratamento de favoritismo de um grupo em relação a outro, tratando o grupo desfavorável como inferior (Fernandes & Pereira, 2017, p. 38). Em outras palavras, a relação de gênero encapsulada na classe 1, representa essas crenças que subjagam o comportamento feminino como inferior.

A partir disso, é possível perceber um conjunto de crenças que, na contemporaneidade, estão ligadas a disputas da autoafirmação das masculinidades enquanto existência. Sobretudo, ser homem passará por inúmeros formatos ou composições. Nesse sentido, podemos perceber uma pluralidade social que se modifica em contato com a realidade (Connell e Messerschmidt, 2013). Ainda assim, um grande público entre os internautas contrapõe essa concepção, ao ressaltar um modo de pensar que postula a masculinidade como um traço da personalidade do homem, mas que, na mesma instância, sugere que nem todos homens acessam essa característica.

Isso pode ser percebido, na ideia de masculinidade frágil quando essa fragilidade tenta ajustá-lo, entre os próprios homens, na crença do inato aspecto de força e coragem socialmente estabelecido. Esse tipo de situação, por sua vez, se manifesta da necessidade de aumentar as diferenças entre grupos ou até mesmo criando uma categorização social, que segrega e resulta em

preconceito, visto que determina um papel de destaque e normativo a comportamentos que poderão ser aceitos pelo grupo dominante ou não (Fernandes & Pereira, 2017).

Conforme os conceitos desenvolvidos por Ajzen e Fishbein (1980), as normas subjetivas correspondem às vivências e expectativas do meio social que o sujeito está inserido, que o mobiliza a desempenhar ou não um comportamento (Moutinho & Roazzi, 2010). Dito isto, as influências sociais suscitadas pelos usuários em seus comentários refletem constructos sociais nutridos desde o nascimento que reverberam em suas atitudes, gestos, valores e crenças. Adiante, os aspectos normativos constatados nas classes 3, 4 e 5 revelam os círculos de influências que os internautas fundamentam seu comportamento. Nesse ponto, foi notado que os valores atribuídos nos discursos dos usuários giravam em torno de temas como família, religião e política, isso pode ser visto na presença de palavras, como: “tradição”, “deus” e “presidente” nas classes citadas.

Tal como aponta o eixo 2, as construções interpessoais dos internautas são referências sociais mais próximas, familiares, são postas como figuras modelos de comportamento, assim como os aspectos religiosos, principalmente estes, para justificar comentários normativos à composição de gênero, tal como “*na bíblia fala que homem tem que usar roupa de homem e mulher de mulher*”. Não obstante, esses dogmas religiosos são aludidos como embasamentos que repetem a mesma postura sexista e autoritária, que não somente atravessa em podar o posicionamento social feminino, mas também estabelece padrões de masculinidade a serem seguidas, como pode ser visto nos comentários ligados às vestimentas das classes 4 e 5.

Outro elemento que pode ser observado nesses discursos são os cenários sociopolíticos, como pode ser visto nas classes 2 e 3. Em correspondência, essas classes apresentaram posições político-partidárias e religiosas como argumento para criticar as posições machistas que ainda são estimuladas atualmente. Tal como: “*Deus é que salva nos dias de hoje, vivemos em uma sociedade muito violenta. Por isso, não podemos negar os efeitos do machismo eleitores do presidente destilando o mais puro amor cristão passando pano pra machismo, misoginia e bostejando nos comentários.*”

No aspecto da sobreposição de fatos sociais que não são acrescentados as justificativas político-partidárias, é necessário reconhecer que a chamada *crise da masculinidade* instaurada em linhas de estudos sobre gênero e que atualmente repercute em fóruns online, vem alinhada com a repetição de termos como “*alfa*”, “*beta*” e “*macho*”, que surgem com bastante frequência nas comunidades virtuais. Nesse ponto o eixo 3, pode ser identificado que mediante as publicações selecionadas para esta pesquisa, que uma parcela majoritária dos usuários produzem um vasto conteúdo de injúrias e ódio a determinados grupos minoritários, com destaque às mulheres e à comunidade LGBTQIAPN+, assim como os respectivos engajamentos sociopolíticos destes grupos,

o feminismo e a diversidade de gênero e sexualidade. Tal como expressa: *“ainda prefiro o modelo antigo de hétero, acho um máximo e quem não gostar que lute. É questão de estilo assim como mulher usar roupa de homem é estranho, aí vem umas criaturas das profundezas inventar não binário.”*

Por fim, a masculinidade que por muitas vezes foi desenvolvida em congruência às distinções de gênero e aliada à sustentação e validação de comportamentos patriarcais no meio social, nos deparamos com uma nova ressignificação de valores por meio da entrada das redes sociais na vida dos indivíduos. Dessa forma, novos modelos de comportamentos surgem, já que o meio digital proporciona contato com diferentes formas de pensar e modos de viver. Isso pode ser observado no estranhamento por parte dos usuários em reconhecer masculinidades distintas daquelas de seu convívio pessoal, no qual surgem diversos discursos de ódio, mas que em demanda menor, também apresenta comentários opressores, visibilizando as novas remodelações tanto no conceito como imagem social do homem e sua masculinidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A liberdade de discursos e opiniões particulares compartilhadas nas redes sociais, estabelece uma nova estruturação de conteúdos expressos no mundo virtual por posicionamentos que podem se polarizar e assim, influenciar os movimentos contra e a favor de determinadas crenças ou ideologias (Oliveira & Silva, 2021). Isso pode ser percebido no decorrer dos comentários das publicações analisadas que, apesar de se apresentarem como expressões individuais, fica claro que estão atrelados à uma crença social contra grupos minoritários que vem alimentando discursos de ódio.

Como foi revelado por Fernandes e Pereira (2013), a identidade social como local de autopercepção do sujeito, do seu sentimento de pertencimento e valorização, cria normas e categorizações que geram estereótipos e desembocam, no caso da pesquisa, na subalternização do gênero feminino diante do que pode ser comportamento de homem ou não. Desse modo, os resultados aqui apresentados, de forma geral, apontam a ampla disseminação de crenças sexistas nas RSO e a consequente intolerância coletiva parece ser o processo de internalização dessas normas. Dadas as constatações, podemos elencar os seguintes elementos a partir dos comentários coletados: a subversão da figura da mulher para enaltecer o homem e o comportamento de manutenção e autorregulação masculina contra a proximidade dos aspectos femininos, revelando assim, as noções sociais de estereótipo e categorização na rede social, em especial no Facebook (plataforma utilizada nesta pesquisa).

No que diz respeito aos resultados encontrados, foi percebido como as crenças sobre as masculinidades ainda perduram não apenas pautadas no biologicismo, mas também respaldadas pela cultura como papel de gênero. Nesse sentido, a massificação cultural agrega comportamentos em roupas e a modos de agir como de homem ou de mulher, tendo assim, as redes sociais como veículo de exposição dessas crenças.

Desta maneira, podemos compreender que a manutenção de um aspecto de homem cuja identidade social de uma masculinidade é concebida e outra é rejeitada. Portanto, compreendemos que ocorre a manutenção do estereótipo masculino sendo propagado também no facebook. Portanto, é crucial ampliar um aspecto político e sociocultural, bem como avançar o olhar desta pesquisa não apenas no Facebook, mas em outras redes como Instagram e Twitter. Outro aspecto, é considerar um estudo com os usuários, cruzando as crenças pré-concebidas na virtualidade com os comportamentos fora dela para compreender melhor como essas crenças se sustentam na atualidade.

## **REFERÊNCIAS**

Barral, D. C., & Zanello, V. (2021). Estudos das masculinidades na psicologia brasileira: Da invisibilidade da crítica à crítica da invisibilidade. *Psicologia Política*. vol. 21. n.52. p. 672-688. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X2021000300005&script=sci\\_arttext](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1519-549X2021000300005&script=sci_arttext)

Connel, R. W., & Messerschmidt, J. W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos feministas*. v. 21, n. 1, p. 241 - 282. <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>

Fernandes, S. C. S., Moura, J. P. B., Nobre, M. R., & De Melo, T. A. (2017). Análise dos repertórios comportamentais de crianças em função do gênero e da faixa etária. *Ciências Humanas*, 51(2), 405–420. <https://doi.org/10.5007/2178-4582.2017v51n2p405>.

Fernandes, S. C. S., & Pereira, M. E. (2017). Endogrupo versus Exogrupo: o papel da identidade social nas relações intergrupais. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 18(1), 30-49. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/38108/2756>.

Ferreira, F. M., & Oliveira, C. P. D. (2019). O movimento feminista e a crise da masculinidade: Reflexões a partir da Psicologia Política. *Reflexões a partir da psicologia política*, 1(2. ed.), 580–600. <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2510>.

Klamt, L. M., & Santos, V. S. dos. (2021). O uso do software IRAMUTEQ na análise de conteúdo - estudo comparativo entre os trabalhos de conclusão de curso do ProfEPT e os referenciais do programa. *Research, Society and Development*, 10(4), e8210413786. <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i4.13786>.

Lima-Santos, A. V., & Santos, M. A. (2022). Incels e misoginia on-line em tempos de cultura digital. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. v. 22, n. 03, p. 1081-1102. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/69802>

Moutinho, K., & Roazzi, A (2010). As teorias da ação racional e da ação planejada: relações entre intenções e comportamentos. *Avaliação psicológica*, p. 279-287. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-04712010000200012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712010000200012)

Moya, I. (2019, julho 8). Machismo: você entende mesmo o que significa? Com.br; Politize! <https://www.politize.com.br/o-que-e-machismo/>.

Oliveira, R. C. & Silva, R. (2021). Masculinismo e misoginia na sociedade brasileira: Uma análise dos discursos dos adeptos ao masculinismo nas redes sociais. *Philologus*. V. 27, n. 81 Supl. <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/988>.

- Ramos, J. S. (2011). Dilemas da masculinidade em comunidades de leitores da revista Men's Health. *Revista Latinoamericana*. n. 7, p. 9 - 43. <https://doi.org/10.1590/S1984-64872011000200002>
- Remenche, M. de L. R., Machado, P. H., & Rohling, N. (2020). Discursividades sobre identidade, sexualidade e feminismo em redes sociais. *Revista Estudos Feministas*, 28(2). <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n260375>.
- Salviati, E. M. (2017). Manual do Aplicativo Iramuteq.
- Santos-Fernandes, S. C., Ferro-Pereira, A. M., Félix-da-Silva, A. R., Bittencourt, I. I., Freires, L. A., & Hutz, C. S. (2021). Psicologia positiva no Brasil: cenário atual e indicações futuras. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 17(2). <https://doi.org/10.5935/1808-5687.20210017>.
- Sousa, Y. S. (2020). O uso do software Iramuteq na análise de dados de entrevistas (vol. 15, n.2.). *Pesquisas Práticas psicossociais*. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-89082020000200015#.Y\\_0KyBOY2xQ.link](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082020000200015#.Y_0KyBOY2xQ.link).
- Souza, M. A. R. de, Wall, M. L., Thuler, A. C. de M. C., Lowen, I. M. V., & Peres, A. M. (2018). The use of IRAMUTEQ software for data analysis in qualitative research. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 52, e03353. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017015003353>.
- Suzuki, S. (2023). Como “red pills” e coaches atraem adeptos na esteira da crise da masculinidade. BBC. <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c2v1y49yp6vo>.
- Vermelho, S. C., Velho, A. P. M., Bonkovoski, A., & Pirola, A. (2014). Refletindo sobre as redes sociais digitais. *Educação & Sociedade*, v. 35(126), p. 179–196. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302014000100011>.
- Vitor., P. M. R. (2010). Facebook: rede social educativa?. *I Encontro Internacional TIC e Educação*. <http://hdl.handle.net/10198/3584>.
- Voks, D. J. (2021). Virilidade e os discursos masculinistas: um “novo homem” para a sociedade brasileira. *Sexualidad, salud y sociedad: revista Latinoamericana*, v. 37. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2021.37.e21204a>.
- Volpato, B. (2023). Ranking: As redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2023, com insights, ferramentas e materiais. Resultados digitais. <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>

SILVA, S. G. (2006). A crise da masculinidade: Uma crítica à identidade de Gênero e a Literatura Masculina (2006). Psicologia Ciência e Profissão. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100011>

BLOG DAQUILO. Homem FEMINISTA OU PRÓ-FEMINISTA?.2017. Disponível em:<https://blogs.correiobraziliense.com.br/daquilo/feminista-ou-pro-feminismo/> Acesso em: 07.08.23

TERRA. Homens podem ser feministas?. 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/homens-podem-ser-feministas,4513ffe082dddb6a86e8bdf7387287edsrf2bmuu.html>. Acesso em: 12.07.23.